

Velhas Casas

A dos Navarros – Arquivo Municipal

Alfredo Pimenta

VELHAS CASAS

A DOS NAVARROS – ARQUIVO MUNICIPAL ALFREDO PIMENTA

Hoje é o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. A casa é das “melhores relíquias heráldicas, estilo clássico puro, tímpanos irregulares e cachorros elegantes”¹. Quero falar das suas gentes, mencionar as suas efemérides.

Nela guarda-se com respeito e carinho a história de Guimarães. Documenta-se todos os feitos dos mais grandiosos aos corriqueiros. Abertos a quem os queira consultar desfilam: assentos paroquiais, escrituras, prazos, pergaminhos, tratados, quantos mais. Assim é com a graça de Deus. E dantes?

Se a rua dos Fornos² fosse empedrada, nela ecoariam os passos do Dr. Rui Gomes Golias, antigo abade de Santa Maria do Souto e desde 1619, por permuta com seu irmão o Dr. Sebastião Vaz Golias, Mestre Escola da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Não o era a rua: a terra empapava-se com a chuva, saltitavam galinhas, foçavam porcos e os passantes recuavam aos gritos de “Água Vai”- Com cautela o Dr. Rui Gomes Golias segue o seu caminho. E atrás dele vamos nós!

Lá vai ele! Inverno e verão cumpre os seus deveres entre rezas e devoções: ensina, castiga impõe respeito aos alunos: os moços do coro. São muitos? São poucos? Tantos quantos os necessários para serviço dele, e das missas e ofícios divinos, gramática e canto chão³. Afadiga-se Rui Gomes Golias. Se faltar às aulas pagará de seu bolso os substitutos. Herdadas de seus maiores⁴ possui muitas quintas e várias casas, entre elas cinco nesta rua dos Fornos. Acompanha todas as procissões. Desde 3 de Junho de 1619 é Provedor da Santa Casa.⁵

Quem não venera S. Torcato? Corpo desenterrado em data incerta, a crença a apontar-lhe milagres, a fama a torná-lo Santo. Ajoelham multidões no correr dos tempos, cobiçam-no os Arcebispos para as suas Sés e pelo menos um Arcebispo de Braga quiz levá-lo para a Sé, há documentos, uma carta régia exige essa entrega. O povo imensa massa armada de paus, foices e pedras defende a sua Fé: “O Santinho é nosso! Daqui no sai!” O túmulo em que jaz é por vezes aberto.

1637. Repicam sinos. Com grande acompanhamento o Dr. Rui Gomes Golias dirige-se à freguesia de S. Torcato. Aguarda-o Jerónimo Coelho, Licenciado, vigário do Santuário com muitos devotos: silenciosos, respeitosos, em oração. Á luz das tochas abre-se o túmulo: o mesmo corpo incorrupto, as mesmas vestes, o mesmo espanto. No ar paira um suave perfume.

Não resiste Rui Gomes Golias. Sem ser visto estende uma mão sorrateira: arranca um pequeno osso do calcanhar do Santo. Esconde-o, leva-o no regresso. Mas “Deus não era servido que casa profana fosse depósito da relíquia de seu santo, deu ao mestre escola outros achaques”. “Tirou-lhe a paz”.⁶

¹ Alberto Vieira Braga “Curiosidades de Guimarães” XVIII Ruas. Casas. Muralhas. Torres. Obras. Décimas Camarárias. Direitos Paroquiais. Guimarães, 1939, p. 37.

² Era rua dos Fornos “porque nella os havia algum dia publicos, dos quais não só se aproveitavam os padeiros, mas toda a gente da villa” in Pe Torcato Peixoto de Azevedo “Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães” Porto, Typografia da Revista, 1845, p. 313.

³ Alberto Vieira Braga “Curiosidades de Guimaraes” X. Instrução. Irmandades. Visitas Régias. Cavaleiro de Cristo. G.es, 1946, p. 36.

⁴ Era fº de Ambrozio Vaz Golias “que passou à Índia” e de sua m.er e prima Dona Inês dos Guimarães. Lê-se no Gayo que era neto paterno de Diogo Vaz Golias, clérigo (reconheceu o filho) e bisneto por estes seus avós de Vasco’ Martins Ferreira e m.er Margarida Annes do Vale Golias (fº de João Ribeiro, o Gotias). Neto materno de Rui Gomes Golias que “viveu em G.es onde comprou todos os empregos nobres da Republica”, vereador e Juiz de Instrução e sua m.er Maria dos Guimarães; bisneto por estes seus avós de Gomes Gonçalves de Abreu e m.er Catarina Annes do Vale Golias (irmã de Margarida) e de Lourenço dos Guimarães, Com.or de Garfe na O. de Xº, Dez.or no Paço e sua m.er Catarina Annes. Lourenço dos Guimarães era fº de Martinho dos Guimarães um dos filhos do Arcebispo D. Fernando da Guerra, neto de El Rei D. Pedro I e Dona Inês de Castro. V. o Gayo Tomo XV Golias e Tomo XVI Guimarães.

⁵ Vários “A Santa Casa da Misericórdia” G.es, 1931, p. 578.

⁶ Facto relatado no 1º citado na nota 2, p. 255-56; Pe Antonio Carvalho da Costa “Corographia Portuguesa”; Albano Belino “Archeologia Christã”, 1900, p. 118; João de Meyra “S. Torcato” in “Independentes” 3.7.1904; Eduardo de Almeida “S. Torcato” in “Revista de Guimarães”, vol XXX; A.L. de Carvalho “Guimarães dos Tempos Idos”; Manuel Alves de Oliveira “História da Real Colegiada”, p. 105-07 e o meu “Ao Redor de Nossa Senhora da Oliveira”, p. 131-32.

Em 1639, ainda debaixo do jugo filipino, Guimarães é uma vila cheia de movimento. Marcham soldados, organiza-se um Terço, “o mais luzido”. Por não querer servir os espanhóis há quem fuja. Lá vai um, é apanhado. Apesar do Duque de Bragança mandar aplicar aos desertores três tratos de corda como castigo, o Mestre de Campo segue as ordens de Madrid: o enforcamento. Ergue-se a força no Tournal. Surge Rui Gomes Golias: com a sua oratória livra o prisioneiro.⁷

Três anos depois queixa-se dos moços do coro: não lhe obedecem. Falam durante o silêncio, atrapalham os cânticos com grande algazarra. Murmuram nas rezas, engolem palavras. Que pode fazer o debilitado Mestre Escola? Aflige-se ao ver as estantes carregadas de livros preciosos de portas escancaradas, à mercê de quem passe. Em 1643 corre um boato: o Dr. Rui Gomes Golias fez batota na eleição do cônego Bocarro: por favas brancas e pretas empata os votos.⁸

Aproxima-se a data da sua morte: 29 de março de 1649 “uma hora depois do meio dia”.⁹ No testamento institui o Morgadio dos Golias. Leia-se:

“Em nome da Santíssima Trindade Padre e Filho e espirito Sancto tres pessoas e hu so Deos em que bem e fielmente creio com tudo o mais q ordena a Sancta Madre Igreja de Roma em cuja Fé vivo e protesto morrer como catholico e Christão. Eu Rui Gomes Golias mestre Escola da Real Colegiada desta villa faço o meu testamento ou codecilo e ultima vontade pello melhor modo q posso ter em direito. Primeiramente encomendo minha alma a nosso Senhor Jesus Christo q me criou e redemio por seu precioso sangue. Pesso à Virgem Sagrada nossa Senhora q queira ser a minha advogada diante Sua Divina Magestade p^a q me perdoe meus pecados. Invoco o anjo da minha guarda com todos os nove coros celestes de quem sou devoto, invoco o Sancto do meu nome e todos os Apostolos e martires. Invoco todos os confessores e Virgens p^a q multiplicadas as intenções naquella ultima hora me ajudem com seus favores diante de Deos pera me perdoar meus pecados e seja levado à gloria pera q me criou.

Digo q não tenho herdeiro forssado ascendente nem descendente q haja de herdar meus bens. Pello q estando em meu juizo e entendimento perfeito faço minha herdeira universal minha sobrinha Catharina Guolias e a nomeio todos os bens q me possam pertencer tirando aquelles que hei de legar e nomear abaixo neste testamento, e quando ella por algum modo não possa ser minha erdeira ou o não seja em tal caso substituo Ignês dos Guimarães sua irmã e a esta Luiza de Guimarães com essas mesmas condições abaixo declaradas. Porq. quando hua não possa seja a outra minha erdeira. Nomeio por meu testamentario e executor testamentario o Doutor Ambrozio Vaz Golias meo sobrinho Abade de Abragão p^a q faça cumprir inteiramente como espero delle.

Digo que todas estas minhas casas em q vivo q são cinco nesta rua de fornos e tres na de Sanctiago são de erdade dizima a Deos fora a dos dous sobrados mayor da dita rua de Sanctiago q são de prazo factuzim perpétuo e porcoanto as consertei todas e ajuntei os quintais no modo em oje estão terei gosto q nunca se vendão e vivão nellas juntas de modo q eu fazia e nesta conformidade as vinculo todas porq. não possam ser alheadas ou escambadas ate ao fim do mundo, nem sejam divididas e andem sempre juntas em modo de morgado. E com ellas ajunto todas as erdades que tenho pera q tambem andem avinculadas e possuidas pellos senhores das ditas casas.

A saber as herdades do Prado na freguesia de Soutello que são settenta e tres rasas de pão milho e centeo. A quinta de São Gens na freguesia Sancta Ovaya de Foramontaos cos medidas anexas a ella q estão na freguesia

⁷ Mário Cardozo “O Mestre Campo Álvaro de Sousa e o Terço organizado em Guimarães” in “Revista de Guimarães”, vol. especial, 1940.

⁸ In “Visitações da Real e Insigne Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira da villa de Guimarães feitas pelo III.mo DR. João Lobo de Faro no anno de 1642 e no de 1643” in “Boletim de Trabalhos Históricos” vol XV p. 134 e XVI, p. 69 e o meu “Velhas Casas de Guimarães”, vol I, Casa da Covilhã, p. 101.

⁹ “Cathalogo Elementos para um Catálogo dos Chantres, Tesoureiros Mestres Escolas, Arciprestes, Arcediagos, Magistrais Cônegos, Prebendados e Meios Prebendados” in “Boletim de Trabalhos Historicos”, vol VII, p. 104.

de Sylvares Reguengas, e a herdade de Rossas q esta em nossa Senhora dos Anjos. E todas estas herdades sigam a natureza de morgado com as casas.

Minha sobrinha minha herdeira ou qualquer q o for tera obrigação de nomear hu filho ou filha seu legitimo e não tendo podera nomear hu parente ou parenta que seja por a mjnha parte de meu pay, ou de minha may qual quizerem com condição q se chame Guolias e Guimarães mas não quero q possuão vir estes bens aos descendentes de João de Valadares e de sua molher Ignes de Guimaraes porque os hei por deserdados de meus bens posto q não s aja outros parentes. E o parente ou parenta q nomea sera legitimo e não legitimado nem natural e assim entre os filhos como entre os parentes poderão nomear macho ou femea como lhes parecer.

Declaro q sobre estas casas todas e herdades de São Gens estão postase certo numero de missas que dizem os padres Clerigos da Irmandade da Coraria desta villa, e nas herdades do Prado estão postas vinte missas por minha irmã Beatriz Guolias q acrescento dez e são trinta q se darão todas aos ditos padres depois de meu falecimento.

Deixo e nomeio o casal da Covilhã que comprei ao Pato a minha sobrinha Ignes de Guimarães para andar junto com o seu q he todo hu prazo dos frades da Costa; porque pera ella o comprei e se não metesse pessoa estranha. Outrosim lhe deixo e nomeio o direito q tenho no meu casal dos moinhos de São Torcato e pesso aos Senhores do Cabido a aceitem por caseira e lhe renovem sendo necessario. Deixo e nomeio os meus casais de São Pedro de Garfe a minha sobrinha Luiza de Gumarães q a nomeio em todo o direito na renovação. Outrossim nomeio a dita Luiza de Guimarães na terceira vida nos casais de Ferreyral e Souto de frades na de Vila Nova de Sande no melhor modo q em direito posso. Deixo a minha livraria a meus sobrinhos ambos Ambrozio Vaz Guolias e João de Guimarães¹⁰ pera q apartam irmãmente entre si com tal diferença q tenha respeito ao estado de cada hum, e q a João de Guimarães caibão os livros modernos pois he desembargador e ha de despachar pello q leve todos os do Reyno, Farinacios, Molinas, Gracianos, Alviatos, Guterres, Menochios, Rebufos e alguns dicionarios e opiniões comuas. A Ambrozio Vaz Guolias todos os Eclesiasticos e do moral como são Navarros, Padre Soares, Azorios, Solucios, Ricios, Agostinho Barbosa, Belarminos, Rodrigues, e todas as mais humas de casos de Consciencia, dos Doutores ordinarios ha dobrados podemos partir como bem lhes parecer. Os livros dos padres Sanctos a saber Sancto Agostinho, Gregorios, Crisostormos, Bernardes, Jansenios, e mais concordancias e todos os mais Livros q servem pera pregações e o volume da sagrada escritura grande deixo ao Mosteiro de São Domingos desta villa, pera a sua livraria, com condição q me mandem dizer hua missa cada anno pera sempre dia de São Thomas no seu altar.

A minha irmã¹¹ Ana Guolias religiosa em Vayrão deixo des mil reis em sua vida q se lhe hão de satisfazer pelos reditos de toda a minha fazenda e encomendo a meos herdeiros a mandem visitar corno eu fazia em minha vida e porque espero de minhas sobrinhas q hão de viver todas juntas em conformidade como fizeram suas tias lhes sera suave ccumprir com todas estas obrigações estando esta fazenda toda junta como esteve athe agora. Sendo cazo q Maria Guolias Religiosa em Vayrão nao seja provida por seus irmãos como he bem pois são ricos e beneficiados lhe deixo sinco mil reis de tença por morte de sua thia Ana Guolias e pois suas irmãs são minhas irdeiras confio dellas, e lhes encomendo se lembrem della e a proveiam com o que puderem na forma que nesta casa vião fazer a suas thias. O mesmo encomendo a minhas irdeiras uzem com Margarida de Abreu e sua irmã Isabel do Valle Freiras no Convento desta villa e lhes deem o necessario para q passem sem necessidade, quero dizer as proveiam como fazem athe agora.

¹⁰ Sr. da Casa da Covilhã, Desembargador Deputado da Mesa da Consciencia e Ordens Com.or de S. Miguel da Carrapatoza na Ordem de Cristo, Embaixador de D. Joao IV na Suécia e Inglaterra, etc, etc V. o meu "Velhas Casas de Guimarães", vol I, Casa da Covilhã onde citam muitos factos aqui mencionados. Casado do s.g. de D. Maria de Guimarães era fº de Diogo de Guimarães e sua m.er Ana Fernandes era irmão do P. Arnbrozio Vaz Golias, Abade, Maria Golias, Freira em Vairão, Inês de Guimarães, soltª, Marta, Luiza de Guimaraes, Susana Margarida e Catarina Golias. todos s.g.

¹¹ Com excepção de Diogo não há geração deles e mesmo essa logo extinta.

E por quanto eu tenho muitos escritorios e bufetes e muitos quadros de Sanctos mando a minha irdeira os reparta por minha irmã e suas irmãs religiosas segundo a devossão de cada humae lhes dara o q cada huma pedir. Contudo não he minha tensão q se deem os quadros dos Reyes nem se tirem desta casa, nem os quadros grandes dourados, porque quero q andem sempre na dita casa.

Declaro q minha irdeira não podera nomear o vinculo q fasso em pessoa que tenha rassa de nassão hebreia, mouro ou Judeu ou qualquer outra reprovada e quero que cometendo o pessuidor algum crime que meressa ser confiscado pello mesmo caso o hei por deserdado tres oras antes de o cometer porq. he minha tensao he q elle o não possua nem com tenção de cometer tal crime e quero que logo passe a outros qde direito pertencer.

Deixo ao padre Domingos Carvalho todos os meus vestidos de cor q se acharem ao tempo do meu falecimento e chapheus e todos os calssados, e mea duzia das minhas camisas e duas seroulas, hua cama de roupa perfeita colchao enxaragão, dous cobertores Lençois almofada e travesseiro. Encomendo a minhas sobrinhas e sobrinhos o tenham consigo emquanto elle for virtuoso e não tiver alguma cousa do q se sustente a elle pesso e roguo m.tº fique nesta casa e se acomode o melhor que puder com os meus sobrinhos e lhes governe esta fazenda q lhes deixo como sabe ser necessario As minhas creadas Senhorinha da Costa e Luiza Soares mando q lhe dem o pão que minha irmã lhe deixou, por mais quatro anos pera q me encomendem a Deos. Declaro q eu trago duzentos mil reis a razão de juro q tomei pera meu sobrinho João de Guimarães da mão de Maria Mendes como sabe Domingos de Campos e posto q seja a letra sobre mim as hade pagar meu sobrinho Ambrozio Vaz Guoliass e assim o aver prometido seu irmão e o hade cumprir com grande pontualidade. Do mesmo modo declaro que trago duzentos e setenta mil reis que me emprestou Antonio Coelho Felgueira os quais se hão de pagar pella pensão de Polvoreira como assentamos João de Guimarães e eu, mas fico eu obrigado sempre a satisfazer. Lembro a minha sobrinha Ignes de Guimarães q se devem setenta mil reis do Casal da Covilhã q comprei ao Pato e quando eu não os pague em vida a Paulo Borges tenha ella lembrança pera q se paguem. Minha irdeira fassa m.tª diligencia sobre o negocio da herança da India e lhe recomendei em hu papel assinado assi por mim porq. nelle descarrego minha consciencia. Não devo couza q me lembre a pessoa alguma mais do q o acima dito. se ouver escripto, assinado ou obrigação porq. conste dever q se satisfaça. Devem-me os cazeiros o q constara a minha irdeira, devem-me toda a pensão de todos estes annos q acabou dia de natal proximo passado fim do anno de mil e seiscentos quarenta e sinco que são oitenta mil reis menos a dizima de São Pedro dos Arcos e Ponte de Lima, devem-se o restante das boletas de Toloins do anno de seiscentos e quarenta e quatro q são q constam do meu livro; e das pagas q dei aos caseiros, avendo duvida deem credito antes de as pagar q ao meu livro porque averia esquecimento.

Quero que meu corpo seja enterrado na minha sepultura que tem o meu nome junto de meu irmão na igreja da Colegiada desta villa e se acabara de por os letreiros a ambas de duas se os eu não acabar, e no fim das sepulturas ambas se ponhão estas letras comessando em hua e acabando na outra in mort num sunt separati. pello muito amor com que nos tratamos toda vida. Sendo caso q não seja mestre escola quando falecer não quero duvidas com os senhores conigos, e assim quero ser enterrado sem elles pella confraria de são pedro somente, e irmandade da misericórdia. Deixo vinte cruzados pª os pobres, e não quero ser acompanhado das mais irmandades, leigas, mas sendo capitular quando falecer me acompanhem o cabido clerezia e Religiões pello estilo da irmandade velha sem as leigas portanto as escuso. Se me não for achado dinheiro por meu falecimento per satisfazer meu enterramento e missas deixo o meu serviço de prata dourado para q se venda e mo digão todo em missas tanto q eu falecer e mais sedo ser possa com hu officio de nove lições cada ordem com missa cantada e pesso a meus sobrinhos ambos Ambrozio Vaz e João de Guimarães me mandem dizer vinte Missas de mil reis, des cada hum pois lhe fica a minha livraria e a minta irmã e sobrinhas todas rogo me mandem dizer trinta missas cada huma em lembrança do amor que lhes tive, e desejar m.tº pera lhes deixar e com isto hei este meu testamento ou codicilo e ultima vontade por acabado e quero se guarde como nelle se contem e revogo todos os outros posto

que tenham particulares clausulas roguei ao Padre Jacinto morador nesta villa que o escrevesse e assinasse comigo e eu sobredito Jacinto Mendes o fiz e assinei.

Mando que fação hum vestido ao Moreno de hum manteo meu de vinntedo sendo velho roupeta e calsois, e dem hu vestido e pano baixo a Azevedo ou de alguns velhos que aja por casa, e dem outro vestido a Bento, filho do sapateiro. Escrevi o presente testamento em casa do dito testador aos oito dias de Janeiro do anno de mil e seiscentos quarenta e seis nesta villa de Guimarães // Rui Gomes Golias mestre escola de Guimarães // Jacinto Mendes// Declaro mais do mesmo modo q tenho avinculadas as herdades contheudas no testamento acima e com as mesmas condições avinculo o meu casal de Val Melhorado na freguesia de Santa Ovaya de Feramontaos e os campos do alcaide chamado campo cazal de Cendello em Silvares deste termo e na mesma freguesia os campos e terras da baralha e Corveira e as minhas herdades de Revelhe em Montelongo todas as mais herdades q se acharem q me pertensam porq nellas fasso o mesmo vincullo debaixo das mesmas condições. E declaro q o possuidor desta vinculo quero q possa nomear tendo filhos ou filhas o mais mosso ou a mais mossa conforme a sua vontade. e morrendo sem nomear qualquer dos possuidores suceda o parente deste possuidor mais chegado a elle sem beneficio da representação da mesma linha e parentesco delle instituidor neste testamento atraz declarado, e depois se guardarão as condições do vincullo como tenho determinado na instituição atraz. E posto que minha irdeira fique nomeada em todos os prazos pello mesmo cazo que he minha irdeira tirando os q tenho nomeados em suas irmãs e hei por nomeada nos prazos de Vargas Reguengos e do Mestre Escola, e lhe roguo muito nomeie no possuidor destas casas e q sempre ande com ellas. E assim mesmo o nomeio no prazo do Loureiro sito na dita freguesia de St^a Ovaya e no de Fervão de Sylvares ambos reguengos, por a ella os deixou minha irmã Isabel do Valle. Tambem a nomeio nos cazais das Quintãs na dita freguesia de Sancta Ovaya e a no nomeio no cazal da Pegada de São Pedro de Azurei q he do Cabido desta villa. Outrossi a nomeio em ambos os cazais de Cabo de Villa na freguesia de Serzedo q são do mosteiro de Belem e a hei por nomeada e a nomeio nas cazais do Penedo e Ribeirinha de São Thome de Avação e em todos estes casais nos mais que me pertencem de prazo os nomeio na vida que posso e direito de renovação e roguei ao Padre Jacinto Mendes morador nesta villa o escrevesse e escreveu o testamento atraz me fizesse esta adição e eu sobredito Jacinto Mendes a fiz a seu roguo e assinei com elle testador em Guimarães e em sua casa aos nove dias do mes de janeiro de mil e seiscentos e quarenta e seis annos // Rui Gomes Golias Mestre Escola de Guimaraes// Jacinto Mendes//¹².”

Triste? Alegre? Como é o viver desta casa em meados de seiscentos. Um padre virtuoso, complacente, a tentar reger. Três manas Inês de Guimarães, Luisa de Guimarães, Catarina Golias donzelas, piedosas, ricas, muito ricas, a viverem entre rezas e bens. Salas ornadas de pinturas, pesadas molduras doiradas. À porta desfile de carros de bois, vindos a chiarem de muitas freguesias, carregados de pão e vinho. Escandalizam-se as manas: seu irmão, o Dr. João de Guimarães embaixador e senhor da Covilhã acaba de falecer. Deixa testamento¹³, herda a mana Inês, sem filhos recomenda a sua mulher Dona Maria da Cruz, a quem muito ama, que se recolha a casa das cunhadas a acolherem-na felizes. Recusa-se Dona Maria, prefere um convento. Nesta sua manda João de Guimarães diz “que de todos os bens e dinheiro que tem declarado quer que se aparte doze mil cruzados para suas irmãs lograrem em vida este dinheiro e renditos dele como vai declarado sempre em bens livres e desembargados aos quais junta e une ao morgado de seu tio o Dr. Rui Gomes Golias” Catarina Golias, faz então nesta casa da rua dos Fornos, agora só uma pois eram cinco, muitas bemfeitorias. Realça-se a sua Capela, a de Santo Nome de Jesus, muito beneficiada com Missa quotidiana.

Tanta gente! Ouve-se bem, aproxima-se a procissão! Passo a passo, graves, soturnas, desfilam as comunidades: a de S. Domingos, a de S. Francisco. Logo o Cabido, os Beneficiados, os inúmeros sacerdotes. Ah! ao Pálio vem a fidalguia. Ah! Seguem-se as autoridades, o Insigne Dom Prior, a solenidade da música, a excitação das danças.

¹² in TomoVI dos Emprazamentos do Convento de São Domingos, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

¹³ Testamento do Dr. João de Guimarães Golias feito a 10.9.1653 nas notas do Tab. José da Mota Coelho em Lisboa.

Bailem! Bailem! Dirijam-se todos à Capela dos Golias, Catarina e suas irmãs entregam com grande aparato ao Arcediago, a relíquia de S. Torcato, roubada outrora por seu tio o Mestre Escola¹⁴. Deixa a capela nesse ano de 1666 a estimada peça, num cofresinho de prata, fará desde então parte do tesouro de Nossa Senhora da Oliveira.

Aos poucos Deus chama a Si os Golias Guimarães. Cogita Catarina Golias em finais de 1670. Sem filhos, nem irmãos, nem sequer primos direitos pelo lado do pai¹⁵ a quem vai deixar o vínculo? Segundo as disposições de seu tio, o Mestre Escola, encontrará entre a parentela quem a suceda. A Mãe da avó paterna, a bisavó Marta de Guimarães tivera um irmão. Era cónego e como tal a sua descendência excluída por ilegítima. Vai-se então à linha das manas, à de Leonor de Guimarães, a irmã imediata.

Esta Leonor de Guimarães fora casada com Pedro Peixoto, senhor da Olaria em Ribeira de Pena e tronco de frondosa árvore familiar, ramos enxertados com mais Peixotos, Mirandas, Machados e Freitas, todos bem desenvolvidos no Gayo. Dessa densa folhagem Catarina Golias destaca seu parente e visinho: Antonio Peixoto de Miranda¹⁶, Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro da Ordem de Cristo¹⁷, Provedor da Santa Casa em Guimarães¹⁸, Superintendente das Coudelarias na mesma vila, Juiz da Alfandega no Porto, senhor da quinta das Lamelas em Santo Adrião de Vizela¹⁹. É casado com Isabel Sarinha, filha dum rico negociante portuense.

Nas notas do tabelião Bento da Cruz Lobato, Catarina Golias, a 23.11.1670, nomeia o morgado dos Golias e o vínculo do Dr. João de Guimarães em António Peixoto de Miranda. Ela continua devota e recatada na casa, logo chamada, Casa das Lamelas. Ele obriga-se a vincular os quatro mil cruzados mais os oito mil do acrescentamento. Tem dois anos para cumprir. Tudo rectificam a 1.4.1774²⁰. Quanto ao cumprimento...

1674 é um ano agitado nesta casa. Catarina Golias assina, pois lê e escreve, algumas escrituras. Veja-se a dezanove de abril o primo Jerónimo de Azeredo e Miranda, senhor da Covilhã, moedas do Brasil a faiscarem, compra-lhe dois dos seus casais: o da Marinha em S. Torcato e o de Cima de Vila em Cerzedo. Desfazem logo a transacção. Porquê? A vinte e nove de maio vende ao mesmo outra propriedade: o casal de S. Pedro em Garfe²¹. Fica sem efeito, também esta venda é anulada, para ter lugar a 3.8.1677²².

A agitação continua. Antonio Peixoto de Miranda não se explica, testou em 1676. Delegou os bens e encargos em seu primogénito – Manuel - que logo, segundo as instituições do vínculo, aumenta o seu apelido, apoderando-se dos sobrenomes: Golias e Guimarães. É a 1^a 1677 que Catarina Golias nomeia o morgado e o vínculo²³ em Manuel dos Guimarães Golias e Peixoto, filho de Antonio Peixoto de Miranda e de sua mulher Isabel Sarinha. Dá-lhe o morgadio herdado do tio, e o vínculo a vir-lhe da irmã “he contente em largar-lhe as bemfeitorias na capela de utilidade notoria nas casas e cabeça do morgadio e nomeia-lhe o casal de Vargas, em S. Pedro de Azurem que vale

¹⁴ Facto relatado por João de Meyra “S. Torcato” (nota 6) e no meu “Ao Redor de Nossa Senhora da Oliveira”, p. 163-64.

¹⁵ Tinha-os pelo lado materno: a mãe Ana Fernandes era f^a de Fernão Alvares e m.er Felipa de Guimarães, antigos senhores do casal da Covilhã em Fermentões, da irmã de Luiza de Guimarães, m.er de Diogo Afonso Caneiros, sr. da Casa de Caneiros em St^a Eulália de Fermentões, ligação que eu desconhecia ao estudar essa casa e que tive conhecimento por uma quitação de dívida, datada de 11.7.1566, daqui há geração. V. o meu “Velhas Casas de Guimarães I”, Casa de Caneiros. A 11.8.1666 Felipa de Guimarães passa uma procuração a seu genro Diogo Afonso.

¹⁶ Era f^a de Pedro de Freitas Peixoto sr. das Lamelas, Meirinho da Correição e de sua m.er D. Inês de Miranda, neto paterno de Alvaro de Freitas Peixoto e sua m.er D. Isabel Peixoto, f^a de Pedro Peixoto, sr. da Olaria.

¹⁷ Alvará de 18.8.1664 in “Dicionário Aristocrático”, Lisboa, 1840.

¹⁸ Em 1676-77 in “A Misericórdia de Guimarães”.

¹⁹ A q.t^a das Lamelas na freg^a de St^o Adrião de Vizela com capela de Nossa Sr^a da Oliveira “nobilíssima e muito rendosa” era desde tempos remotos pertença destes Peixotos”. Conta Francisco Xavier Crasbeeek nas Memorias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho I, p. 194-95: Pedro de Freitas Peixoto, depois de enviivar foi abade de St^o Adrião, renunciou em seu f^o segundo P. e Aleixo de Freitas que desanexou esta q.t^a. em seu irmão mais velho (1541) Álvaro de Freitas Peixoto x com Isabel Peixoto, pais de Pedro de Freitas Peixoto, Meirinho da Correição x com Inês de Miranda, vindo depois de pais para filhos.

²⁰ Tabelião Jorge Lobato da Cruz, Arq. Mim. A. Pimenta.

²¹ Idem.

²² Idem.

²³ Idem.

mais de dois mil cruzados para satisfazer os dois mil que devem. Obriga-se Manuel Golias, Fidalgo da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo “a satisfazer e inchar os quatro mil cruzados que faltam ao vínculo. Toma sobre si todas as obrigações deixando-a livre, e além disso acrescenta todos os bens legados por sua tia Catarina Sarinha, irmã de sua Mãe. Emprega tudo em juros sem riscos para Catarina Golias. Reina a maior harmonia.

Frente ao belo altar maneirista²⁴, jaz, a 26.9.1691, o corpo de Catarina Golias. Velam-na alem das gentes, as lindas imagens de Santa Catarina, sua padroeira, a tríplice coroada do martírio, da virgindade e da ciência e a de S. João, o Baptista, o que baptizou Jesus, nome de seu irmão o Dr. João de Guimarães. Findam os Golias na casa e capela da rua de Fornos.

Manuel dos Guimarães Golias e Peixoto, então morgado falece solteiro. Sucede-lhe o irmão seguinte: António Peixoto de Miranda. Tem o mesmo nome do pai, é também Cavaleiro de Cristo e Fidalgo da Casa Real²⁵. Nasceu na rua dos Fornos (nesta casa?) a 10.6.1654²⁶, é casado com sua prima Dona Mafalda Luisa Leite²⁷. Que lembranças deixa?

Pelas paredes da imponente escadaria ecoaram frescas gargalhadas, tropel de loucas correrias, gritos de alegria e passageiras lágrimas. Recordam-se todos os seus filhos, aqui nascidos e criados: Maria, Clara, António, Manuel, Leonor, Luiza, Antónia, Joana, Luiza, José, Quitéria e Jacinta²⁸. Supõem-se terem voado aos céus em meninos (falta a documentação) António e a primeira Luiza, José deixa o mundo sendo solteiro a 26.10.1754. E elas, as numerosas manas? Qual bando de passarinhos pousam desde muito pequenas em diferentes conventos de Guimarães e Porto. Nenhuma faz ninho, vivem entre rezas e cânticos, mãos postas, submissas aos desígnios de Deus.

Olhe-se agora a fachada: enobrecem—na duas pedras de armas. Uma tem o escudo partido, na outra porta o brasão esquartelado. Armando de Matos seguido por Vaz Osório da Nobrega²⁹ e outros. Lê no primeiro Peixotos e Leites e o mesmo no esquartelado. António de Azeredo³⁰ em vez de Leite vê outra versão: Golias. Qual dos senhores da casa as colocou? Tanto Peixoto como Golias fazem parte dos seus sobrenomes, portanto qualquer deles as terá encomendado. Quanto a Leites, só seria possível nesta ultima geração. Atentemos à época. Não é comum o aproveitamento dos apelidos maternos (Leite) e muito menos unir às suas as armas da consorte. Com pouquíssimos conhecimentos de heráldica limito-me a correr esta cortina e a regressar a António Peixoto e a sua mulher Dona Mafalda Luiza Leite.

Sucede-lhes (António aqui morreu a 30.7.1727), Dona Mafalda a 12.1.1752³¹) seu filho Manuel Peixoto Golias dos Guimarães. Com ele vai findar o senhorio dos Peixotos na casa da rua de Fornos. É solteiro e aos sessenta e seis anos expira a 18.11. 1768³² nomeando herdeiro um jovem parente: Fernando da Costa Mesquita; desde então a usar também Guimarães e Golias. Filho de Francisco da Costa da Grã Mesquita, senhor da Quinta da

²⁴ Alfredo Guimarães no “*Mobiliário Artístico Português II*” refere-se a este altar mostrando fotografia. O altar faz hoje parte do Museu Alberto Sampaio, onde se encontra em exposição.

²⁵ Alvará de 29.7.1698 in “*Dicionário Aristocrático*” (nota 17).

²⁶ Oliveira Misto 3 - Arq. Mun. A. Pimenta.

²⁷ Fª de António Leite Pereira e de sua m.er Jerónima Barbosa neta pat. de João Rebelo Leite, o “Lidador Vimaranense” (para as suas façanhas v. Pe Antonio Pereira Caldas “*Guimarães*”, Porto 1881 p. 259) e de sua m.er D. Isabel Rebelo Peixoto.

²⁸ Nasceram respectivamente a 4.5.1698, 12.6.1699, 21.9.1700, 17.1.1702, 3.8.1705, 3.7.1706, 10.9.1707, 6.3.1710, 12.7.1711, 23.10.1712, 17.11.1713 (no assento vem como Echiteria) e 15.12.1715. N. 4 e 5 da fregª da Oliveira - Arq. Mun. A. Pimenta.

²⁹ Armando de Matos “*Pedras de Armas de Portugal*”, Vaz - Osório da Nobrega “*Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga*”, vol. VII.

³⁰ António Carlos de Azeredo no seu magnífico “*Guimarães*”, p. 6.

³¹ Estes três últimos óbitos estão no O 3 Oliveira. Arq. Mun. A. Pimenta.

³² Idem.

Costa em Santo Estevão de Geraz, Povoia de Lanhoso³³ e outros antigos vínculos e de sua mulher Dona Joana Josefa Reymonde, na companhia dos pais e restante família apressa-se a deixar a casa no Cano, onde residem e instalam-se nesta, na rua dos Fornos.

Aproveita-se a mudança, a chiada dos carros carregados de móveis e sacas, o esfalfamento dos caseiros nas idas e vindas para discorrer sobre a ligação dos Peixotos e Mesquitas. O avô de Manuel Peixoto, António Peixoto de Miranda, o casado com Isabel Sarinha, tivera muitos irmãos: uns levados pela Índia, outros pela morte. Ficará-lhe uma irmã, Maria Barbosa de Miranda esposa de Paulo de Barros de Azeredo. Tiveram geração³⁴ e é sua neta Dona Guiomar Leite, a entrar festiva na Casa dos Costas Mesquitas ao casar com Fernão Rebelo da Costa. São os avós paternos de Fernando de Costa de Mesquita Guimarães Golias.

Fernando possui o morgadio por muito pouco tempo morre a 12.11.1769³⁵, um ano após o seu antecessor, o pai herda. Não se diga que estes novos bens trouxeram sorte à família Costa Mesquitas. O pai de Fernando, Francisco da Costa da Grã Mesquita. Mestre de Campo de Auxiliares, o povo a denominá-lo “o Lamelas”, tirando o regozijo do casamento de sua segunda filha, Dona Guiomar Antónia com António Machado de Miranda. Fidalgo da Casa Real, chefe dos ilustres Machados, varonia muito nobre e antiga, não consta ter mais motivos para festejar.

A casa da rua dos Fornos é um mar de desgraças! Longos períodos de janelas fechadas, negros panos a cobrirem espelhos, grandes lutos. Tome-se nota: a morte do tão esperançoso casal, Dona Guiomar Antónia e seu marido a deixarem um filho pequenino, a do Próprio Francisco a de mais outros dos seus filhos, Dona Joana Clara a 11.4.1796 e Francisco a 16.6. do mesmo ano e finalmente a de sua viúva Dona Joana Josefa Reimunde de Sampaio a 24.9.1799³⁶. De toda a irmandade só sobrevive uma, a mais velha, Dona Ana Margarida dos Guimarães Golias, Senhora do Morgadio.

Já sem pais nem irmãos vive sozinha Dona Ana Margarida. Só? A casa esta cheia: capelão, ama de chaves, criada grave, mordomo, lacaios, aia, cocheiro, porteiro, criadagem, costureira, bordadeira, cozinheira, ajudante, recadeira, enxame de protegidos, ocasionais hospedes. Ao serão é natural alguém tocar piano, uma senhora cantar, ouvirem-se adivinhas e graçolas, o baralhar dos jogos de cartas. Imagina-se o pesado tabuleiro de prata carregado de doces e o outro, o mais pequeno coberto com o paninho debruado a renda. -“Prima quer mais chá? E este bolinho?”

Seria assim? O certo é que todos, anfitriã, visitas, pessoal só têm olhos para um menino: Paulo Vicente Machado de Miranda, alegria da tia, dos visitantes, da criadagem e também dos Machados da rua de Donães, família que representa, pela prematura morte de seu pai e casa onde vive sua avó paterna, Dona Gracia Pereira de Castro, conhecida por Dona Gracia, a Velha, viúva de Paulo Machado de Melo, Fidalgo da Casa Real, com os filhos que lhe restam³⁷. São todos íntimos de Dona Ana Margarida.

Cresce o menino, sol das duas casas. Tudo se desmorona: Paulo Vicente não correspondeu às esperanças e disbellos da thia Dona Ana Margarida e se tornou extravagante pelas sucias q fazia com os seus próprios lacaios

³³ Domingos de Araújo Afonso “Da verdadeira Origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu Termo”, XVI -1970 em Grãs Mesquitas diz que Domingos Nunes da Costa instituiu um vínculo em Stº Estevão de Geraz, Povoia de Lanhoso, herdado por sua fª Margarida Rebelo de Meireles x com Francisco da Grã de Moraes, pais de Francisco da Costa de Mesquita, suc., que de sua lª m.er D. Custódia de Macedo teve a Francisco da Costa da Grã Mesquita x com D. Helena Machado. O sucessor foi seu fº Fernão Rebelo da Costa marido de D. Guiomar Leite, pais de Francisco da Costa Grã Mesquita, herdeiro do morgadio dos Golias por morte de seu filho.

³⁴ Tiveram 2 f.os. A representação por cair num fº natural reconhecido não foi considerada apta. Seguiu a da fª D. Inês de Miranda x com Luis Leite Ferreira, Licenciado, pais de D. Guiomar Leite.

³⁵ Nota 32.

³⁶ Lº de - Óbitos da fregª da Oliveira, Arq. Mun. A. Pimenta.

³⁷ D. Gracia vivia com os f.os: (v. o meu “[Velhas Casas II](#)”). Casa do Arco): D. Catarina Flávia de Mello x com Inácio Leite Pereira de Almada Pinheiro, Morg. de Colpilhães c.g.. Estevão Machado de Miranda e Melo q. + soltº já no Arco, João, Maltez e Pedro. Felgueiras Gayo no “Nobiliário das Famílias de Portugal” vol. XIX Machados ignora se este teve g.

e com as das outras famílias andando de noite em festas e tomando e os hábitos e costumes da qualidade da gente com que acompanhava e consta que nesse tempo aquella sucia era terrível e espancadora athe que numa noite constando a esta sucia que hum tal por alcunha o Marmelada falava do procedim.to de Paulo Machado vendo que elle Marmelada se hia recolhendo para sua casa de noite o seguio e assassinarão a porta de sua mesma casa delle Marmelada.

Constou este caso à Justiça, sendo então Juiz de Fora Manuel Marinho Falcão de Castro, a primeira couza que fez foi cahir elle mesmo com os seus officiais na casa de dito Paulo Machado de Miranda e prendello e procurando as armas defesas que achase deu com huma cacheira com pregos ainda ensanguentada debaixo da propria cama do dito Paulo Machado que ficou prezo e o levarão para a cadeia chamada da Relação da mesma villa de Guimarães onde esteve mais de hum anno.

Logo que se livrou e ficou solto sua Thia Dona Ana Margarida ou por vexada deste acontecimento ou para desviar seu sobrinho das sucias que ella athe ahi ignorava resolveu mudar sua residência para o Porto aonde tinha também casa: mas ali mesmo continuou com as mesmas extravagancias, mas com as d'outro género, mulheres e bebidas fortes que o forão arruinando athe que falleceu”³⁸.

Triste acontecimento os ditos a nascerem, a espalharem-se por Guimarães: “A velha não tem mais ninguém. Quem herdará - “Alguém dos Machados, agora já no Arco. São unha e carne”.

São? Foram. Dona Gracia, por intermedio de seu genro Inácio Leite Pereira de Almada Pinheiro, Morgado de Golpinhões reclama a legitima do neto, não só a parte do pai como também quer apurar os bens nem lado materno. Citam judicialmente Dona Ana Margarida, exigem inventário. Como e Porquê? “O sobrinho sempre viveu com a thia gastando ella e com elle desde a idade pueril athe que faleceu com 32 annos” (1808) “em vestidos cavalos e criados e athe huma companhia de cavalaria para logo ser capitão”. A 14.1.1814 Dona Ana Margarida redige o seu testamento...

Pasma-se em Guimarães. Na carruagem do Excelentíssimo Martinho Correa de Moraes e Castro, feitos gloriosos e futuro Visconde de Azenha na companhia de seu sogro o não menos illustre Inácio Leite Pereira de Almada Pinheiro. Já a morarem na Casa do Arco assenta-se também José Alexandre Salgado, feitor da ausente *Dona*, Ana. Margarida. São prolongadas passeatas por Guimarães e arredores. Não tarda mudar de mãos o cartório dos Golias da rua dos Fornos. Sogro e genro estão contentes, senhores de todos os documentos.

As novas chegam ao Porto. Dona Ana Margarida já de muita idade, ou outros por ela, em janeiro de 1815, “requere pello Juizo das Accções Novas huma Precatoria para o Corregedor de Guimarães para que cahísse com seus officiais na casa das Lamelas e despossasse o feitor da administração da casa e da recepção dos bens q lhe estavam confiados e se fizesse imedia.tmente entrega a outro feitor q vinha nomeado e tudo porq elle Jose Alexandre Salgado não tinha correspondido à confiança q nelle havia posto, notificando-o para q dentro de trez dias se apresentasse no Porto a dar as suas contas”.

Vai desaparecer uma luz. Decrépita, quase com cem anos, apaga-se santamente, a 20.11.1820 Dona Ana Margarida dos Guimarães Golias. Está em paz. Abre-se o testamento. Primeiro menciona duas senhoras. Quem são?

Uma é do Porto: Dona Maria Matilde Vieira de Melo mulher de Sebastião Leme. Receberá como pré-legado o Prazo do Adro de Santo Ildefonso foreiro à Mitra do Porto “q consta de casas e quinta nelas unidas e foros subemphiteuticos de casas sitas nas ruas de Santa Catarina. Formosa. Alegria e Direita por se terem aberto estas

³⁸ “Lembrança das Questões com o Visconde de Azenha couzas q derão lugar a não se ter decidido athe hoje a quem pertencem estes ou aquelles bens da herança de D. Ana Margarida de Guimarães Golias principalmente da casa dos Golias” - Arq. Mun. A. Pimenta, papeis oferecidos pelo Dr. João de Freitas donde se tiram muitos dos factos aqui relatados.

ruas em terrenos do sobredito prazo”. Se aceitar tera a obrigação de dar à Ordem de S. Domingos de Guimarães 20\$000 e a cada uma das tres filhas do Dr. Sebastião Navarro de Andrade, todos os anos e e enquanto viva 150\$000.

A outra e Dona Gracia Xavier, filha e herdeira de Inácio Leite Pereira de Almada Pinheiro e de sua mulher Dona Catarina Flavia, e casada com o futuro Visconde de Azenha. Apesar das divergências, Dona Ana Margarida sempre teve um grande afecto por ela, prima direita do seu chorado sobrinho, sua companheira dos jogos infantis. Para ela vai, como pré-legado a “Casa do Cano e suas pertencças”, onde Dona Ana viveu na meninice e juventude.

Os pré-legados não são aceites. Juntam-se a todo o resto, de acordo com as ultimas vontades de Dona Ana, a fortuna vai toda para o herdeiro e testamenteiro: o Cónego Jacinto Inácio Navarro de Andrade. Estoura a bomba! Pela primeira vez caiem todos estes bens em mãos sem parentesco com seus senhores.

Foi casa do Mestre Escola, o Mestre amargurado pelos alunos, preocupado com a sucessão, envergonhado por ter roubado ao Santo. Foi solar dos Peixotos, ramo dos da Olaria, portas a ostentarem belas pedras de armas. Depois pertenceu aos “Lamelas”, família numerosa, altos e baixos entre alegrias e desgostos. Passa agora para os Navarro de Andrade, mais propriamente para o Cónego Jacinto Inácio Navarro de Andrade, Doutor de Capelo (Teologia), Cónego da Basílica de Santa Maria da Sé de Lisboa. Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, filho do Dr. Sebastião Navarro de Andrade e sua mulher Dona Ana Luiza de Campos Pereira.

Tem muita família, muitos irmãos e muitas irmãs³⁹ Seus avós paternos, Luís do Monte Gamboa, oriundo de mercadores de Miranda do Douro e Trancoso e Angelica Navarro da Silva, herdeira do vinculo de seu tio avô, o “brasileiro” Antonio Dias em Santa Senhorinha de Tões, Armamar, casaram em Guimarães. Por dois dos seus filhos⁴⁰. Henrique Gabriel Navarro da Silva, formado em Leis e Sebastião Navarro de Andrade, reconhecido médico, saiem do nebuloso mundo da mercancia para outras luzes, para outros brilhos. Na geração seguinte, a dos netos chocam-se comendas de Cristo e da Rosa mais condecorações. Descortina-se médicos da Real Camara, Capelos, Fulgor de letras, foros de fidalguia, títulos nobiliárquicos. Tem-se noticia de graças d’El-Rei D. João VI e do Imperador do Brasil, de faustosos obsequios do Czar de todas as Russias, dos Arquiduques austriacos. Com os bisnetos, os do ramo primogénito⁴¹ ouvem-se cruces de guerra, estrondo de batalhas, brados de vitória, todo o desenrolar duma gente a fazer História.

³⁹ Foram f.as do Dr. Sebastião: Luiza Rita x com seu primo Luis António Navarro de Andrade c.g. Angélica (1772 - 1846) Mariana Júlia (1877) Maria Antónia (1778), solt.as. Os f.os foram: 1 - João (1761 - 1846) Doutor de Capelo, (Medecina), Medico de D. João VI, F.C.R.. Com.or da O. de Xº. Barão de Sande x c.g. 2 - Luis Tomaz (1762 + no Brasil) Doutor de Capelo (Direito). Consº da Fazenda no Rio, Ouvidor e Provedor dos Defuntos e Ausentes na Baía. F.C.R.. Cavº da O. de Xº autor dum relatório sobre os índios, x c.g. 3 - Joaquim, o Língua de Prata (1764 - 1831) Doutor de Capelo (Direito) Lente de Prima, Lente de Agricultura. Decano da Fac. de Coimbra. Deputado da Directoria Geral do Reino e das Cortes, Sócio da Academia Real das Ciências, Diretor Literário da Academia da Marinha. F.C.R. do Consº d’El - Rei, publicista distinto c.g. extº 4 - José (1765 + menino) 5 - Rodrigo (1768 - 1841) Diplomata, Encarregado de Negócios na Rússia, enviado e ministro plenipotenciário em Viena Áustria, Consº de Legação no Congresso de Viena, representou D. Maria II no seu consorcio com o Infante D. Miguel e o Príncipe D. Pedro no seu com a Arquiduquesa Leopoldina que acompanhou até Lorne, estimado pelo Czar e arquiduques, Cavº da O. Imperial de Sant’Ana. Com.or da de Stº Estevão da Hungria, Grã Cruz da Cruz de Ferro Áustria e da de Xº, F.C.R., do Consº d’El Rei, Barão de Vila Seca x c.g. 6 - José (1769 + no Brasil) Bach. em Letras, Dez.or dos Agravos e da Casa da Suplicação no Rio e em Goa, Cavº da O. De Xº x c.g. 7 - António (77º - 1848) Bach. em Teologia, Abade de Gondarem e durante 38 anos de Bitarães, Cónego Deão da Sé do Porto e em sede vacante Govor do Bispado 8 - Jacinto Inácio (1771 - 1833) no texto 9 - Sebastião (1773 + no Brasil) Doutor de Capelo Lente de Química, Filosofia e Medecina, Cavº da O. De Xº x c.g. 10 - Vicente (1776 - 1859 em Paris) Doutor de Capelo (Medecina) organizou no Brasil a Escola Médico-cirúrgica levou em dote 800\$000 dados por um seu parente brasileiro e 220\$000 dados por seu irmão Sebastião e peças de oiro no valor de 120\$000, nessa quantia está incluído o que ganhou vendendo doces. Tab. Mendes Brandão, Arq. Mu. A. Pimenta.

⁴⁰ Tiveram também f.as: Joana, soltª, Mariana Angelica x com o Dr. Rodrigo Alves de Almeida s.g. e Ana Maria Angelica x Manuel Caetano da Silva e a 22.1.1758 levou em dote 800\$000 dados por um seu parente brasileiro e 220\$000 dados por seu irmão Sebastião e peças de oiro no valor de 120\$000, nessa quantia está incluído o que ganhou vendendo doces. Tab. Mendes Brandão, Arq. Mu. A. Pimenta.

⁴¹ O Dr. Henrique Gabriel Navarro da Silva só teve um fº: Luis Mito António Navarro de Andrade x com sua prima co-irmã D. Luiza Rita e tia (irmã do Cónego Jacinto) e tiv: 1 - Henrique (1762 - 1866) B.el em Direito, Cruz de Guerra nº 5, e ao terminar Major do Regimento de Milícias de Vieira do Minho, Moco da Camara de D. João VI, 2 - Sebastião B.el em Direito, Oficial de Caçadores durante a Guerra Peninsular; Voluntario d’El Rei em Montevidéu, revolucionário no Brasil mesmo contra Portugal, Cruz de Guerra Peninsular e da O. de S. Bento de Aviz, 3 - Joaquim + no assalto da Fortaleza de Vera nos Pirenéus, 4 - Rodrigo ferido em combate, legitimista serviu até à Convenção de Évora Monte, Gov. do Castelo de Vila do Conde, Cruz de Oiro nº 2, Medalha da Heróica Fidelidade Transmontana e Effigie de D. Miguel, 5 - Luis formado em Canones, Arceidiago da Sé de Lamego + 1824.

Membro desta família a honrar Guimarães, o Cónego Jacinto Inácio Navarro de Andrade recebe muitos dissabores com a herança de Dona Ana Margarida. Enfrenta para já três adversários: Inácio Leite Pereira Almada Pinheiro em representação de sua mulher, o irmão dela Estevão Machado de Miranda e Melo e António Luis de Vasconcelos Leite Pereira, da Casa do Tanque em Braga. Em 1822 apresentam-lhe um libelo. Refere-se mais aos bens dos Costa Mesquitas de quem descendem mas não tardarão a reclamar os haveres dos Golias. Por não aparecerem documentos tudo se complica.

Diz Antonio Luis de Vasconcelos: "...Dona Ana na decrepita idade proxima dos cem anos o Reu se introduziu em sua Casa em razão de ser filho do medico que a curava em Guimarães. Provara que depois foi o Reu pouco a pouco seduzindo e persuadindo a mesma senhora insinuando-se habil e e subtil para Reitor e administrador de sua Casa e tendo vencido este passo tançou mão de todos os titulos e cartorio da casa da referida senhora e fez conduzir tudo para a residência do Abade de Britarães irmão do Reo ficando assim a dita senhora em completa dependência ... Provará que estando o Reo já como senhor e com ascendente em tudo chamou a seus irmãos para viverem com elle de maneira que muitas vezes em casa da dita senhora estavam cinco ou seis irmãos do Reo com seus criados comendo e dispendendo à custa da mesma casa...".

Arvorando-se em "parente varão mais velho e próximo de Dona Ana Margarida de Guimarães Golias", António de Vasconcelos continua com Estêvão Machado e Inácio Leite as encarniçadas questões com o herdeiro da cobiçada herança. Este não para, busca aflito os documentos esclarecedores. Nada aparece. Os anos passam, a discórdia segue. Morrem os opositores: primeiro Estêvão Machado e logo a 1.6.1828 Inácio Leite. Em 1833 os dois restantes: António de Vasconcelos em Salvaterra de Magos, o Visconde de Azenha a 23 de Junho. Todo o processo cai nas mãos do filho deste ultimo: Bernardo Correa Leite de Moraes Almada e Castro, 2º Visconde de Azenha, Senhor da Casa do Arco⁴², personagem bem vivo em muitos gloriosos lances da história Vimaranesa.

Em 1833 o Cónego Jacinto Inácio Navarro de Andrade inicia com seu irmão, o Barão de Sande, uma longa jornada: de Lisboa para Guimarães. Vêm a cavalo? Vêm de andas? De caleche? Trazem grande comitiva? E armas para se defenderem dos prováveis ladrões? Chegam a Alcobaca. Hospedam-se em casa de Ricardo Pereira Gomes. Traria já alguns incómodos, sente-se mal o Reverendo Conego. É a terrível cólera-morbus: a 30.7.1833 redige o seu testamento⁴³.

Pobre Barão de Sande! Físico-Mor do Reino, medico d'el Rei D. João VI, impotente com todo o seu saber para valer ao irmão, Sua Senhoria o Cónego Jacinto expira aí mesmo em Alcobaca a cinco de agosto, esperançado na "misericórdia de Deus" "que o criou e remio pelo precioso sangue de seu filho Jesus Cristo, homem e Deus verdadeiro" Roga a intercessão de Nossa Senhora, dos Santos, crê em todos os mistérios da Fé Católica, ordena mil e duzentas Missas pela sua alma, duzentas pelas de seus pais, a maior parte rezadas em Guimarães, cujo Hospital, recebe 240\$000. Assim viveu, assim morreu.

Por não ter herdeiros forçados escolhe entre os irmãos: João, Barão de Sande, António, Deão no Porto e três manas, Dona Angélica, Dona Mariana e Dona Maria. São os que estão em Portugal, os outros, vivos ou mortos, pelo Brasil, por Paris, pela Áustria, não são contemplados. De toda a vultuosa herança destaca uns legados: ao Barão o Prazo do Adro de Santo Ildefonso com as casas, ao Deão a quinta das Lamelas e suas pertenças, a Dona Maria o prazo que quizer. Mas, só em vida, depois tudo irá para o filho do Barão, Sebastião Calmom Navarro de Andrade, creança de seis anos, nascida no Palácio de Queluz, afilhada, de S.S.A.A.R.R. os infantes D. Migue], e Dona Maria d'Assunção. O menino herda também a Casa da Olaria e as quintas no Douro, recomende-lhe conservar em sua casa o Jerónimo e a dar-lhe 405000.

⁴² Para o parentesco e muitos dos acontecimentos aqui relatados v. o meu "Velhas Casas II" Casa do Arco, texto e notas.

⁴³ À amabilidade, saber e incansável pesquisa do Ex.mo Senhor Carlos Manuel Leite Ribeiro de Sousa devo este precioso documento. Encontra-se no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. Aqui renovo os meus agradecimentos.

Pelo legado obriga o Barão a distribuir pela criadagem perto de seiscentos mil reis. Principia o rol com os 400\$000 a Manuel Joaquim Lima, passa pelo bolieiro, por outros, acaba com 180 reis para um José Pedro. Também compromete-o a entregar ao creado Francisco Galego “enquanto vivo for 400 reis diários pelo serviço que fez ficando na casa na entrada do inimigo no Porto”, e o mesmo a António Hortelão.

As disposições continuam: o Barão será obrigado a chamar para sua companhia a Jacinto Inácio, Antonio e irmã, tratando-os como sobrinhos⁴⁴ dando-lhes e procurando dar-lhes huma arrumação decente e cem mil reis anualmente a cada hum em metal isto tendo-os na sua companhia como espero e não os tendo sera obrigado a dar-lhes trezentos mil reis metal” Quanto ao Deão tem o dever dar diáriamente 400 reis a Joaquina Rosa, natural de Bitarães, residente no Porto na rua do Padrão⁴⁵.

Cabeça de Casal o Deão. Não tarda a receber do Visconde de Azenha (o 2º) rol dos bens vinculados, segundo ele, ao Morgado dos Golias. Quem encabeça a lista? “O Palácio da rua dos Fornos q antigamente foram cinco casas em que habitou o instituidor com Capela de Jesus, Maria, José”. Responde o deão com um laconico “estamos de posse”. Continua a disputa. “Como andava em Juizo o Libelo sobre o Morgado dos Costas Mesquitas q parece q de proposito se demorava, vallerão se disto para nos proporem huma composiço amigavel, dizendo-nos q se faria a vista dos titulos q cada huma das partes contendentes tivesse tudo examinado, por dous Advogados, nomeados cada hum por sua parte, a q assistiria também hum Tabelião, para ler os titulos q fossem mais ruins de ler, e mesmo os mais e tudo na prezenca dos interessados. E q enq.to a comissos ficaria isso por metade.

Anuiose a esta proposta e em Abril ou Maio de 1848 veio expresm.te da quinta (onde se achava o Visconde d’Azenha) D. Gaspar de Queiroz q he Thio da Srª da Casa aonde se achava o Visconde e segundo disse trazia poder para prezidir as conferencias a q. se havia de proceder; e tanto vinha autorizado q o Feitor do Casa do Arco lhe apresentava todos os titulos q havia relativos a este negocio dos Costas Mesquitas. Fizerão-se as chamadas conferencias em varias noutes na Casa do Arco, por não poder ser de dia por afazeres de advogados, e nem todas as noutes seguidas. Foram por parte do Visconde alem do Presidente D. Gaspar de Queiroz o Advogado Rodrigo Machado Salazar e o Tabelião Fran.co Jose da Sª Basto, para ler os papeis, assistia tambem o administrador da Casa do Arco Fr. Domingos de S. Miguel Durães e hum seu cunhado chamado fulano Palha, era quem escrevia o q se hia decidindo como vinculado.

Por parte dos herdeiros de Jacinto Navaro d’Andrade prezidia Henrique Navarro d’Andrade seu sobrinho q levou consigo o Advogado Antonio Leite de Castro e confiou no mesmo Tabelião Fran.co Jose da Sª Basto, por ser homem de toda a providade, e sobretudo mui habil e mais ninguém”.⁴⁶

D. Gaspar de Queirós “solta” a papelada, desaparecida desde a época de Inácio Leite, surge nas cavaliças do Arco. Calcula-se que o Deão não assista, morre no Porto a 22.1.1849, herdando as três manas solteiras. Cabeça de casal fica a mais velha, Dona Mariana Juliana e em 1850 o visconde torna a importunar os Navarros com mais uma citação. A vida de Dona Mariana finda a 1.1.1858. Só resta Dona Angélica (Dona Maria Antonia faleceu a 21.9.1850) senhora cheia de vontade e disposição. Como cabeça de casal, trata da grande herança do Cónego Jacinto.

⁴⁴ Embora não declare são filhos do testador. Jacinto Inácio Navaro de Andrade foi um fino espírito, amigo de Camilo Castelo Branco que dele fala no “No Bom Jesus do Monte”, p. 42-48: “Nasceu no Palácio de Queluz onde seu pai, militar no exército de D. Carlos de Hespanha e extinta a guerra civil de Portugal, recolheu ao Porto”. Dissipador, exuberante x com sua prima direita D. Ana Luiza, primogénita do Barão de Sande. Faleceram ambos em 1857 deixando 2 f.os menores.

António Inácio Navaro de Andrade (+ em 18) jornalista “estourado pautoleia”, encarregado de prender o Duque da Terceira de quem se tornou amigo x com sua quem depois foi amigo x com sua prima direita D. Anamaria Carlota, fª do Barão. C.g.

D. Joaquina Rosa Navaro de Andrade x com Domingos da Fonseca Pascoal, c.g.

⁴⁵ Era mãe dos f.os de Jacinto Navaro de Andrade.

⁴⁶ V. nota 38.

Tantas propriedades! Quantas terras na comarca de Guimarães, na de Felgueiras, na cidade do Porto. Verdes campos debruados de uveiras nos vales ou a treparem os montes, grandes matas, o vento a assobiar, a brisa a baloiçar e foros, muitos foros de alqueires de pão, de vinho, de rezulentes moedas. Duzentas e trinta e tal verbas apresentadas pela co-herdeira e inventariante Dona Angélica Navarro de Andrade a 12.6.1860⁴⁷ (47) para serem partilhados: 1/5 para os filhos do Barão de Sande, 4/5, mercê das nimerosas deixas, para a própria Dona Angelina. Há também alguns moveis e peças em oiro. Fixemo-nos na verba cento e desanove consta de “huma morada de casas Nobres no lugar, alias, no Largo das Lamelas na cidade e comarca de Guimarães que se compõem de salas, quartos, cosinha, lojas, quintal e capela, avaliada na quantia de um conto e seiscentos mil reis”. É esta casa cuja a historia desfiamos. Para quem ficou?

Henrinue Gabriel Navarro de Andrade (1782-1866), sobrinho do Cónego Jacinto, filho de sua irmã mais velha Dona Luiza Rita e seu marido e primo direito Luis Antonio Navarro de Andrade, senhor do vinculo de Tões⁴⁸ não consta do testamento do tio, como de resto todos desse ramo. Bacharel em Leis, Cavaleiro de Cristo, Moço da Real Câmara, Cruz de Oiro das 5 Campanhas e depois da guerra, Major das Milicias de Viana. Viveu em Guimarães sua terra natal e foi casado com Dona Florinda Rosa Costa, já apareceu, num relance nestas páginas: nas divergencias com os Azenhas foi cabeça de casal por 1850, o que muito se extranha. Teria já em vida o “Palácio da rua dos Fornos?”

Só teve uma filha Dona Maria Adelaide Navarro de Andrade, nascida em Lisboa em 1818. Essa sim, está provado ter sido senhora desta casa agora estudada. Casam-na com Jerónimo Vaz Vieira de Melo Alvim e Napoles, segundo filho dos reconhecidos daquele Morgado do Toural,⁴⁹ (49), célere espada em favor de D. Pedro IV, a praça engalada nas vitórias liberais, a exilar-se na Terceira para escapar à sanha miguelista. Têm quatro filhos: Dona Maria Isabel, Henrique, Jerónimo e Dona Maria Adelaide, todos a usarem o apelido Navarro Vaz de Nápoles, os três últimos apanhados pela desgraça: são surdos mudos e como tal interditos.

Avaliada em dez contos de reis a casa e suas confrontações são descritas a 23.7.1873⁵⁰. Meses depois, a vinte e nove de setembro, Dona Maria Adelaide e Jerónimo Vaz alugam a sua casa à Câmara Municipal⁵¹ por 300\$000 anuais em moedas de oiro ou prata. Para si reservam o celeiro, as adegas, o quintal e a capela. Á custa da Câmara toda a mudança da mobília e trastes e as obras de conservação. Não poderá sub-alugar e tem obrigação de mostrar as salas sempre que alguém as queira ver.

O arrendamento é por seis anos, período onde a 4.6.1878, Jerónimo Vaz apresenta o inventário de sua mulher Dona Maria Adelaide⁵², mais uma vez esta nobre casa a ser referenciada. Desde então toda a herança materna é dos infelizes surdos mudos, seus filhos e da única filha válida Dona Maria Isabel Navarro Vaz de Nápoles. Casa na Igreja de Creixomil a 15.6.1880 com Gualter Martins da Costa, ramo de frondosa árvore dos Martins de Minotes⁵³, sólida, forte, a irromper por muitas famílias.

⁴⁷ Sentença cível do formal, de partilhase entrega dos bens passada a favor de Dona Angelica Navarro de Andrade desta cidade do Porto. Extrahidas do auto do inventario de maiores a que se procedeu por falecimento de Jacinto Navarro d'Andrade em que he inventariante Dona Mariana Navarro de Andrade – Arq. Mun. A. Pimenta Cota 25-3-15. Devo este documento e todos os que se seguem à grande amabilidade das pesquisas feitas pelo Ex.mo Senhor Carlos Manuel Leite Ribeiro de Sousa, a quem estou muito grata.

⁴⁸ Para o situar no quadro familiar v. nota 41.

⁴⁹ V. o meu “Os Fidalgos do Toural” separata da revista “Genealogia e heráldica” nº5/6.

⁵⁰ Livro das descrições Prediais.

⁵¹ Arrendamento do Excelentíssimo Jerónimo Vaz Vieira de Mello Alvim e Nápoles e mulher à Ilustríssima Câmara desta cidade”, Arq. Mun. A. Pimenta (10-9-10-15, f. 79 a 80).

⁵² Câmara Municipal Índice Pessoal do Lº 1 da Letra I.

⁵³ Ver Helena Cardoso de Macedo e Menezes e meu “Genealogias Vimaraneses”, p.45-46.

Ignoro que voltas lhes deu a vida: tudo são credores. Em 1883 chega-lhes do Juízo de Direito da Terceira Vara Cível do Porto uma carta precatória de sua prima Dona Maria Carlota Navarro de Andrade, filha do Barão de Sande, autorizada por seu marido e Primo António Jacinto Navarro de Andrade, desencadeia a tempestada. A 7.3.1884 à praça vai a bela casa armoriada nos últimos lampejos do seu viver de solar familiar⁵⁴. Arremata-a por 4.600\$000 Manuel Ribeiro de Faria, os “exequatados” dona Maria Isabel e marido refugiam-se em Braga, onde pouco depois Gualter Martins da Costa morre.⁵⁵

À viúva de Manuel Ribeiro de Faria, Dona Rosa Ribeiro de Araújo Faria e a seus filhos menores Artur e Alberto, a Câmara Municipal, debaixo da presidência do “excelentíssimo Conde de Margaride”, a 18.4.1890 expropria “por utilidade publica” por nove contos de reis a casa comprada por seu marido e pai⁵⁶.

Pertença da cidade ao longo dos anos: salas movimentadas por reuniões, Tribunal da Policia, sede da mesma corporação. Paredes ecoaram toda e retórica de muitos julgamentos, vozes de perdão e de condenação, capela a receber os primeiros passos de “A Muralha” a zelar pela história e beleza de Guimarães, termina aqui o relatar desta casa a ressurgir no que hoje é, para bem de todos nós, o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

⁵⁴ Carta de sentença da arrematação passada em favor de Manuel Ribeiro de Faria na data de 4 de março 1884. Arq. Mun. A. Pimenta. Cota A-9-4-38.

⁵⁵ Tiv. 3 f.os: um + 16.1.1882 + pouco depois, Dona Maria Constança (1883-1955) x com o Dr. João Martins de Freitas + 1961. s.g e Jerónimo Gualter Martins Navarro Vaz Nápoles, n. já em Braga a 13.5.1884 + em Guimarães a 16.7.1914, Tenente de Infantaria 20 c. s.g.

⁵⁶ Escritura de expropriação amigável entre a Comissão Municipal deste Concelho e D. Rosa Ribeiro de Araújo Faria, Livro do Notário Privativo da Câmara Municipal de Guimarães, f. 21-26. Arq. Mun. A. Pimenta.